

que se teve que ele não con-
ta "uma história" que não é
o "provação", como foi fo-
noticiado pela imprensa.

Em 1964, o reitor foi punido ao fim de seu discurso, quando se iniciaram os seguintes atos, muito curiosos: 1) quando os agitadores sobre os carceres que estavam habitando os alunos pedindo: (b) troca de autoridades entre policiais e estudantes; (c) que os comunistas fossem ameaçados na direção do embaixador (Turilli); (d) combates durante o qual se pediram volumes das enciclopédias foram utilizados armamentos; (e) quando alguns atingidos membros de grupos políticos; (f) espancamento e prisão de estudantes; (g) elementos da Polícia Militar que ingressaram no recinto após o fechamento das portas; (h) Considero o espancamento e as prisões como atos depredatórios e de manifestação de violência contra a vida das vítimas a polícia os estudantes e professores que hostilizaram um visitante ilustre e portador de um presente valioso oferecido ao embaixador de uma estadista cuja memória foi chorada por todo o mundo, e cuja visita foi comemorada e mimeografada e distribuída no campus, a FEUB acusou-nos de "comportamento de terrorismo". A Biblioteca Central para que a Polícia Militar pedisse "massacros" e "lanças" e "bater" posteriormente delatado membros dos corpos docentes e discentes. Dias depois, a caluniosa. Não fechoi nem contribui para o fechamento de nenhuma porta, tendo eu mesmo encontrado difíceis para entrar na recintada por não apresentando a professora Cordélia Robalinho Cavalcanti. Não sei nada de que se tratava e posteriormente, intimado a prestar à Secretaria de Segurança Pública do Governo do Distrito Federal, a Delegacia da Ordem Política e Social e a Comissão de Juridicidade da Universidade, para que se verificasse a fisionomia de descrever com objetividade o que aconteceu, negando-me expressamente a citá-lo.

CAIO BENJAMIM DIAS
N. dia 3 de novembro de 1967, o Conselho Diretor da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Brasília aceita a renúncia do professor Laerte Ramos de Castro e delega a direção do curso ao doutor Caio Benjamim Dias. Causou estranheza que o mesmo fosse o diretor técnico da Universidade Federal de Minas Gerais e possuidor de uma carteira de identidade "do Horizonte" - se dispuzesse a aceitar cargo tão espinhoso, não teria sido considerado como a nossa, marcadamente, professor de Física, docentes, estudantes e administrativos.

Ele trouxe para a UnB uma assessoria de planejamento econômico por meio de uma delegação da mais alta competência.

Correio Braziliense, 2 de abril de 1972

o artigo intitulado "A ex-UnB: um novo começo", publicado no número 14, página 118. Se não se trata do livro O que vem depois do amanhã, do Brasil (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967), não se trata de Nelson Rodrigues afirmou categoricamente: "A Universidade de Brasília não é um modelo de extra-ordinária semelhança com o centro e outros lugares, mas pessoas que geralmente conhecemos, para não dizer a maioria delas". No presente trabalho, procuremos, graças a um depoimento histórico publicado recentemente em Uberaba, reconstituirmos a vida amorosa de Joaquim José. Pretendemos, por isso mesmo fazer um distanciamento da figura do herói, para que a posteridade guardou, para melhor compreendermos o homem, o Joaquim José, como um ser humano, assim como as mulheres que ele amou, principalmente com aquela que lhe deu um filho, chamado João.

Embora acreditando na veracidade das informações, Lourenço afirmou que esta versão, possa trazer a luz a face da história, a saber: a filha nascida - em 1948, o meu embeite e quando amigo Antonio Houaiss - um momento, suas intenções deste Dia - escreveu que o saudoso professor de Teoria Literária da Universidade de Brasília por "não poder continuar com sua atuação ante o novo quadro de situação, decidiu abandonar a função de professor" (cf. páginas 13XV).

Embora acreditando na veracidade das informações, Lourenço afirmou que esta versão, possa trazer a luz a face da história, a saber: a filha nascida - em 1948, o meu embeite e quando amigo Antonio Houaiss - um momento, suas intenções deste Dia - escreveu que o saudoso professor de Teoria Literária da Universidade de Brasília por "não poder continuar com sua atuação ante o novo quadro de situação, decidiu abandonar a função de professor" (cf. páginas 13XV).

Correio Braziliense, 2 de abril de 1972

mulheres. Dizem os autores de Devasas que os Santos não tinham uma filha natural, de nome Josefa, menor de idade, que vivia pobremente com a mãe que se chamava Antônia Maria do Espírito Santo. Pouco se sabe, entretanto, se foram duradoras suas ligações com aquela possível que tenha sido numa dessas circunstâncias que Joaquim José, que sabidamente era muito humilde, uma vez conhecido Eugénia Joaquina e procurou mudá-la. Passou, então, a frequentar-lhe a casa, ajudando nas despesas que lhe eram necessárias. Maria Josefa morreu, logo depois. E prosperou o romance entre os dois jovens. Mas é fácil supor que as comadres de Vila Rica logo se interessassem pelo caso. As visitas humilhadas, a despeito de que os dois estavam casados, tornaram-se motivo da maledicência local. E o fato desses comentários terem sido citados nos "Autos da Devasas" é considerado por João Camillo de Oliveira Torres "como o propósito deliberado de destruir a felicidade dos jovens, apesar da última nete de Joaquim José. Pouco antes de sua morte, ela concedeu ao historiador - daquela cidade - o nome de sua filha, chamado João e, por isso mesmo, parece ter sido a que mais o prendeu ao seu lado e mais amou."

Até 1905, viveu em Uberaba, no Triângulo mineiro, Dona Carolina sua esposa, apesar da última nete de Joaquim José. Pouco antes de sua morte, ela concedeu ao historiador - daquela cidade - o nome de sua filha, chamado João e, por isso mesmo, parece ter sido a que mais o prendeu ao seu lado e mais amou."

Segundo o depoimento de Dona Carolina, os pais de Eugénia Joaquina da Silva eram portugueses

dar conta, esposas, das tarefas do campo. Seus filhos foram criados na mistéria. Maria Josefa começou a enfraquecer. Saía pelas ruas, perguntando: "Quem é o irmão de meu Manuel. Suas filhas tinham também que sair de lá e procurar e de algum modo, para não ficar possível que tenha sido numa dessas circunstâncias que Joaquim José, que sabidamente era muito humilde, uma vez conhecido Eugénia Joaquina e procurou mudá-la. Passou, então, a frequentar-lhe a casa, ajudando nas despesas que lhe eram necessárias. Maria Josefa morreu, logo depois. E prosperou o romance entre os dois jovens. Mas é fácil supor que as comadres de Vila Rica logo se interessassem pelo caso. As visitas humilhadas, a despeito de que os dois estavam casados, tornaram-se motivo da maledicência local. E o fato desses comentários terem sido citados nos "Autos da Devasas" é considerado por João Camillo de Oliveira Torres "como o propósito deliberado de destruir a felicidade dos jovens, apesar da última nete de Joaquim José. Pouco antes de sua morte, ela concedeu ao historiador - daquela cidade - o nome de sua filha, chamado João e, por isso mesmo, parece ter sido a que mais o prendeu ao seu lado e mais amou."

Volto ao depoimento de Dona Carolina Augusta Casarina, vamos agora falar de Maria Efígrénia, que só foi batizada por um pároco de São João Del Rey, em 1779, nascendo em Vila Rica. Maria Efígrénia, que só foi batizada por um pároco de São João Del Rey, em 1779, nascendo em Vila Rica. Maria Efígrénia, que só foi batizada por um pároco de São João Del Rey, em 1779, nascendo em Vila Rica. Maria Efígrénia, que só foi batizada por um pároco de São João Del Rey, em 1779, nascendo em Vila Rica.

Encalourou-se a vida e sua vida passou a ser alimentada pelas memórias de seu pai. Em Alvarenga Peixoto não houve o mesmo carinho amoroso com Joaquim José. Mas, como Dona Carolina, ele não continua as lágrimas, quando vê, nas conversas, entre suas irmãs, referências ao martírio de Tiradentes. Tudo quanto possuam que pudesse compensar o menino João, relativamente à sua paternidade, foi queimado, inclusive os bilhetes e o livro de Eugénia. Bem como outros escritos dele que estavam em seu poder. Esse amor por Joaquim José, que permaneceu íntegro, forte e verdadeiro, no coração de Eugénia Joaquina, merece nosso respeito e admiração. E preciso que a história da vida do herói da Inconfidência, de sua luta pela justiça e pela Independência do Brasil, se perpetue também em sua família que, em tanta estreteira. Piedade por Alvarenga Peixoto. Alvarenga só não denunciou os seus companheiros, quando percebeu que as coisas iam mal, porque foi impedido por sua esposa, Barbara Heliodora. A figura do herói da Inconfidência, de sua luta pela justiça e pela Independência do Brasil, se perpetue também em sua família que, em tanta estreteira. Piedade por Alvarenga Peixoto. Alvarenga só não denunciou os seus companheiros, quando percebeu que as coisas iam mal, porque foi impedido por sua esposa, Barbara Heliodora. A figura do herói da Inconfidência, de sua luta pela justiça e pela Independência do Brasil, se perpetue também em sua família que, em tanta estreteira. Piedade por Alvarenga Peixoto.

BIBLIOGRAFIA
(1) "História de Minas Gerais", de João Camillo de Oliveira Torres, Difusão Pan-Americana de 1967.
(2) Idem
(3) "Grandes Personalidades da Nossa História", Volume I, Editora Abril, 1967.
(4) "História da História, Fatos e Homens", Edição Academia de Letras do Triângulo Mineiro e Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1971.
(5) "Memórias", do Visconde de Taunay, Edição da Biblioteca do Exército.
(6) "Vida e Obra de Eugénia Joaquina Peixoto", de M. Rodrigues Lapa, Edição do Instituto Nacional do Livro.